

“BRINCAR DE TRABALHAR”

Francisco de Assis Rodrigues de Lima

Ao tentar recolher através de entrevistas a memória da comunidade de Lagoa Cercada com relação a algumas atividades realizadas de forma comum por seus moradores, percebemos o quanto é rico de significado cada depoimento destes, bem como, o quanto é vasto o campo de estudo em que o historiador pode se debruçar, a fim de colaborar coma organização deste saber popular e levá-lo a outros lugares através de sua interferência nesta memória¹.

Nestas atividades a que me refiro – a farinhada, a debulha de feijão, o serão de tranças e a caeira de tijolos – existe na lembrança uma série de conhecimentos a seu respeito que o saber tecnológico moderno veio substituir. Por sua vez os moradores desta comunidade são os maiores conhecedores destas manifestações, por isso o desafio está em o historiador despertar naqueles com quem conversa a consciência dessas lembranças para reestruturar melhor aquilo que, em certo sentido, a comunidade já conhece.

Pude perceber em algumas conversas realizadas com pessoas da comunidade, onde acontecem esse tipo de trabalho realizado comunitariamente, que existe uma sabedoria popular riquíssima, pouco explorada, fundadas em valores sociais sólidos, manifestados e vivenciados através da prática solidária e comum em atividades como o serão, a farinhada, a debulha e a caeira.

Prática que parece natural ao sertanejo, porém ilógica para o homem moderno competidor, torna-se facilmente em espaço de lazer e convivência social sadia e harmoniosa. O trabalho da farinhada consiste em colher o turbéculo no roçado e levar para a casa de farinha para iniciar a farinhada propriamente dita: raspar e moer a mandioca, prensar, peneirar e torrar a massa.

¹ PORTELLI, Alessandro. “ Tentando aprender um pouquinho” In: Projeto de História: *Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC – SP* n. 15. São Paulo, SP, 1997, p. 30.

“ Nós ia cum distância de légua e meia buscar, arrancar a mandioca pa trazer pa casa de farinha pa farinhada (...). Aí butava im baxo da casa de farinha. Ali a gente se ajuntava. Ali era uma quebra de milho. Ali era tudo divertido. Era no beiju. Era na carne assada. Era fazendo pouco um dos outro pa ver quem acabava primero: ou era as rapadera ou era os roçadero que chegava. Quando aquelas rapadera (...) terminava iam lá po beijo do camim cum uma bandera num pau. Butava fazendo inveja dos roçadero que num chegava cum a mandioca.”²

Apesar do trabalho ser muito árduo, numa jornada de trabalho que vai da madrugada à “boquinha da noite”³, o sertanejo dar um sentido diferente ao que faz: tornava tudo uma diversão pela sua capacidade de dar um significado que está além do trabalho: é a quebra de milho, de que fala o depoente a cima. O trabalho e o lazer se misturam e se confundem através da alegria e gosto pelo que faz. É por isso que se referindo ao serão de trança uma mulher afirma com toda convicção que ao realizar este tipo de serviço não está trabalhando, mas se divertindo: “ *Pra mim era uma festa (...). Era brincar de trabalhar.*”⁴

A expressão “*brincar de trabalhar*” expressa muito bem o significado que tinha o trabalho para o homem do campo, onde tudo acabava em uma brincadeira e assim, o sofrimento, o cansaço, o trabalho pesado passava sem que percebessem. Até mesmo em trabalhos diferentes do que estamos estudando ele também ganha este lado lúdico como entretenimento no próprio trabalho. Não gostaríamos porém, de romantizar a vida do agricultor nordestino que bem sabemos que não é brincadeira no sentido primeiro da palavra , pois conhecemos de sua luta sua luta pela sobrevivência em um meio tão cheio de dificuldades. No entanto acreditamos está também contribuindo para romper com a imagem de um Nordeste coitadinho que foi construído ideologicamente a partir do século XX.⁵

² Raimundo Honorato da Costa, 65 anos. Mora em Lagoa Cercada, viúvo, pai de quatro filhos, agricultor aposentado. Entrevistado em 17/11/2002.

³ Expressão popular que significa início da noite.

⁴ Ana Rodrigues de Lima, conhecida por Anita, 58 anos. Mora em Lagoa Cercada, solteira, aposentada. Entrevistada em 19/11/2002.

⁵ Cf. MUNIZ, Durval. *Invensão do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999, pp. 74-78.

⁶ Depoimento de Ana Rodrigues de Lima em 19/11/2002.

O serão era, na maioria das vezes, uma promoção que hoje podíamos chamar de beneficente. Pois quando alguém estava necessitando de alguma coisa, pedia a ajuda das vizinha e amigas.

“ As vez precisava comparar rede pras criança, (...) ou tava pra discansar e precisava comprar algum panim aí fazia aquele serão de trança, logo, quera pra fazer aquela compra...”⁶

Ao cair a noite, geralmente em noite de lua cheia, todos se dirigiam a casa de alguma trancheira para dar-lhe um adjutório. Gratuitamente todos faziam trança para esta pessoa até que acabassem as palhas ou a noite terminasse.

No início as brincadeiras e as histórias já davam o clima festivo e fraterno à comunidade. Depois criou-se a prática de, após o termino das palhas chamarem os tocadores (violão, pandeiro, zabumba e triângulo) para fazerem o forró. Era hora de dançar e aproveitar o resto da noite.

Com a desvalorização dos trançados e a chegada da televisão esta prática foi desaparecendo e hoje só existe na memória dos mais velhos.

As debulhas de feijão eram feitas nos meses de maio e junho, após o agricultor ter juntado uma grande quantidade de vargens. À noite são convidados amigos e vizinhos para debulhar o feijão, ou seja, retirar os grãos das vargens.

Reunião em torno de alguma tarefa é sempre motivo para contar piadas e adivinhações, histórias de caipora e assombrações. Rir-se a vontade. Desta forma os pais acabam se distraíndo, deixando um pouco de lado o rigor moral e a vigilância das filhas. Os rapazes, então, aproveitam para paquerar: os rebolos

de casca e os olhares são sinais conhecidos entre os apaixonados que os fazem discretamente.

“... butava aquela isterona de feijão no mei da sala, aí butava a lamparina no cento da ruma de feijão. A gente se sentava num dava nem pra ver as pessoa do outro lado. Aí era todo mundo disbulhando feijão, cunversando, e dizendo adivinhação, anedota, aquelas coisa lá. Achando graça. Aquelas gargalhada. Tudo sentado no chão (...). Depois da disbúia a gente ia cumer melancia. Tinha gente que cunzinhava feijão de noite pa cumer depois da disbúia. Butava a panelona de feijão no fogo. Café, bebia duas, três vez quando passava ali quase a noite disbuiando feijão. Depois ia midir o feijão: os alqueire que a gente chamava. E lá no Baxio o Antõe matava carnero, fazia aquelas buxada po pessoal cumer pur lá, ainda disbuiando feijão o pessoal ia cumer. Voltava ia sentar pa disbuiar feijão, disbuiava até de manhã. Quais de manhã. Também cumia quaiada(...), outos cumia queijo que lá tinha.”⁷

Assim descreve com riqueza de detalhes esta senhora que participava assiduamente das debulhas e na sua opinião era a melhor forma de divertimento naquela época. Tudo o que havia sido armazenado era colocado aos montes numa esteira de palha. Aos poucos os amigos iam chegando e sentando-se ao redor do monte feito no meio da sala e, em pouco tempo, a roda estava completa. A quantidade de vargens é tão grande que aquele que fica de um lado da roda não vê quem está do outro. Quando a hora avança é servido alguma coisa para os participantes da debulha: buchada de carneiro é comum, além do cafésinho servido de quando em quando para manter-se acordado.

“Chegavam lá disbuiavam, disbuiavam aquele feijão, quando terminava, as vez, tinha o ispaia casca, que chamavam ispaia casca, né? Tinha um forrozim até de manhã”⁸.

Terminada a debulha, após debulhar todo o feijão a noite se completa: limpa-se a sala retirando a casca, ou seja, as vagens já sem os grãos e dança-se o típico forró, ou como outros dizem, havia um batuque, uma zuada, um toque.

⁷ Idem.

⁸ Depoimento de Raimundo Honorato da Costa.

Podemos perceber também esta característica sertaneja da diversão associada ao trabalho, na caeira: a queima de tijolos. Os tijolos são fabricados geralmente no mês de julho, assim que o período das chuvas termina e chega a estação seca para aproveitar a água do inverno e, ao mesmo tempo, evitar que as chuvas destruam os tijolos.

Talvez por esta ser uma atividade menos freqüente, havendo apenas quando alguém ia construir uma casa, ela não é tão presente no imaginário do povo daquela comunidade, com este aspecto mais forte da diversão.

“ A caera tinha diversão, mas era uma diversão muito fraca, porque iam pro mode queimar a caera, dar um adjuntoro (...), ia alguém que levava uma gaitinha para assobiar pur lá pa animar. Os outo era pa fazer o fogo nas caera. E a caera era tudo animado, porque era tudo amigo, tudo, como se diz, na camaradage. Mas que num tinha essas animação não, porque o trabai era ixigente”⁹.

Nesse relato percebemos que mesmo nos trabalhos mais pesados para o sertanejo ele consegue relativizá-los. Assim, mesmo tendo que está sempre atentos pra atear fogo nas grelhas, tem lugar aquele personagem que anima aquele encontro de amigos, como fala seu Raimundo Honorato, enfatizando que ficavam alegres pelo simples fato de estarem unidos e pelo companheirismo que chama de camaradagem.

Com o passar dos tempos estas tradições foram desaparecendo. A presença da televisão no campo foi determinante nas mudanças que este espaço vem sofrendo ao longo dos anos, descaracterizando-o e colocando-se na contramão de valores até então inquestionáveis como a convivência co-responsável, a união e o relacionamento afetivo no estreitamento dos laços de amizade, independentemente de parentesco, manifestado e fortalecido nestas manifestações.

Anita nos fala dessas mudanças, do desinteresse, principalmente dos mais jovens, pelo trabalho comunitário como era realizado no passado. Sentada na sala de sua casa e apontando para o aparelho de TV, talvez também se acusando, diz:

“Quando o pessoal começaram a comprar máquina pa disbuiar feijão e também apareceu televisão, essas coisa, aí o pessoal num quer mais fazer disbuia, pa ficar olhando pa televisão. Mesmo que agora

⁹ Idem.

for fazer uma disbuia de feijão o pessoal num quiere ir, quer ficar na frente da televisão. Aí naquele tempo não, ia, porque quando havia aquela disbuia a gente já ficava num pé e nouto: ô beleza tem disbuia hoje im tal canto. Era que nem o serão também. Aí depois começaram a fazer máquina de disbuiar feijão, aí pronto acabosse as disbuia. O pessoal agora num quer mais saber dessas coisa”¹⁰.

Além da chegada da televisão, a modernização da produção também foi relevante na eliminação. Do meio rural, de manifestações culturais populares associadas ao que era produzido. Também percebemos que as pessoas que no passado foram produtores em maior escala, hoje, plantam apenas para o consumo familiar, dispensando um número maior de pessoas no beneficiamento. Muitos reclamam que as terras já não produzem mais, estão cansadas e, que os invernos são cada vez mais irregulares. Não conseguem perceber a falta de políticas públicas e de gerenciamento de recursos de forma mais justa e eficazes, pois a maioria dos políticos do Nordeste insistem em fortalecer uma imagem de um Nordeste das secas para manterem seus currais eleitorais. As políticas de gerenciamento até então implantadas só têm colaborado para expulsar os pequenos produtores do meio rural para os grandes centros urbanos para viverem nas periferias, fortalecendo apenas os grandes proprietários e empresas de alto porte.

¹⁰ Depoimento de Ana Rodrigues de Lima.